

A BUSCA ETERNA PELA UNIDADE DA GEOGRAFIA. LIÇÕES DE UM GRANDE MESTRE

Maria Adélia de Souza¹

Resumo: Este texto diz respeito a um cidadão brasileiro, nascido em Teresina, capital do Piauí, denominado por ele como sendo a “mais pobre e obscura unidade da federação brasileira”. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro teve uma carreira peculiar como geógrafo e professor embora sua vocação maior fossem as artes, especialmente, a literatura revelada por sua dedicação a leitura de Guimarães Rosa, escritor brasileiro que sempre reverenciou. Começa a trabalhar como técnico do CNG – Conselho Nacional de Geografia depois FIBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. No entanto, inicia sua carreira como professor em Santa Catarina, depois Brasília (DF), Rio Claro (SP) e encerra na USP em março de 1987. Vai com suas reflexões e pesquisas revolucionar a Climatologia Moderna com seu colega russo Gerasimov. Pioneiro na busca de uma geografia unitária, seus trabalhos tanto na Geomorfologia quanto na Climatologia refletem essa inquietação, de forma cristalina, em seus artigos e livros.

Palavras-chave: Homenagem. Unidade da Geografia. Climatologia. Geografia Física. Biografia.

THE ETERNAL SEARCH FOR THE UNITY OF GEOGRAPHY. LESSONS FROM A GREAT MASTER

Abstract: This text concerns a Brazilian citizen, that was born in Teresina, capital of Piauí, which he calls the “poorest and most obscure unit of the Brazilian federation”. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro had a peculiar career as a geographer and teacher, although his greatest vocation was the arts, especially literature, revealed by his dedication to reading Guimarães Rosa, a Brazilian writer who he always revered. He starts working as a technician at CNG – National Geography Council, today the FIBGE – Brazilian Institute of Geography and Statistics. However, he began his career as a professor in Santa Catarina, then Brasília (DF), Rio Claro (SP) and ended at USP in March 1987. With his reflections and researches, he revolutionized Modern Climatology with his Russian colleague Gerasimov. A pioneer in the search for a unitary geography, his works in both Geomorphology and Climatology reflect this concern, clear forms are displayed in his articles and books.

Keywords: Homage. Geography Unit. Climatology. Physical Geography. Biography.

LA ETERNA BÚSQUEDA DE LA UNIDAD DE LA GEOGRAFÍA. LECCIONES DE UN GRAN MAESTRO

Resumen: Este texto se refiere a un ciudadano brasileño, nacido en Teresina, capital de Piauí, a la que llama la “unidad más pobre y oscura de la federación brasileña”. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro tuvo una peculiar carrera como geógrafo y docente, aunque su mayor vocación fueron las artes,

¹ Universidade de São Paulo – USP (professora aposentada) e Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (professora visitante sênior 2022 – 2023), Departamento de Geociências, São Paulo/Florianópolis, Brasil, madelia.territorial@gmail.com, <http://orcid.org/0000-0002-24927404>

especialmente la literatura, como lo revela su dedicación a la lectura de Guimarães Rosa, un escritor brasileño al que siempre veneró. Comenzó a trabajar como técnico en el CNG – Consejo Nacional de Geografía y luego en el FIBGE – Instituto Brasileño de Geografía y Estadística. Sin embargo, comenzó su carrera como profesor en Santa Catarina, Rio Claro (SP), luego Brasilia (DF), y terminó en la USP en marzo de 1987. Con sus reflexiones e investigaciones, revolucionó la Climatología Moderna con su colega ruso Gerasimov. Pionero en la búsqueda de una geografía unitaria, sus trabajos tanto en Geomorfología como en Climatología reflejan esta preocupación, de forma cristalina, en sus artículos y libros.

Palabras clave: Homenaje. Unidad de la Geografía. Climatología. Geografía Física. Biografía.

Introdução

Dou início a esta reflexão com uma declaração de afeto e respeito a meu mestre, grande amigo e colega Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, pois este texto não é de caráter apenas acadêmico, mas um testemunho de admiração, respeito e gratidão a um grande e peculiar geógrafo brasileiro, que é homenageado com a organização e publicação deste “Dossiê” publicado pela Revista GEOSUL, uma das importantes divulgadoras das ideias produzidas pelos geógrafos, sobretudo, os brasileiros. Nosso homenageado, Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro foi um deles, diante da relevância e importância que teve na constituição da chamada “Escola de Geografia Brasileira”, diversa, múltipla, sempre contemporânea acompanhando o movimento do mundo, desde os primórdios do CNG - Conselho Nacional de Geografia onde nasce o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, posteriormente, transformado em uma fundação, a FIBGE.

Convido agora, meu mestre, colega e amigo para apresentar-se. Trata-se do texto que coloco “entre aspas” e que guardo como muito carinho, que ele próprio preparou quando proferiu uma conferência intitulada VIDA/LONGA, TRAVESSIA PERIGOSA, na Universidade Federal de Alagoas por ocasião do Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social em Maceió (23 a 25 de setembro de 2014). E, com isto, com a sua permissão obviamente que sei, me ofereceria a oportunidade de ambos – ele e eu – homenagearmos esta UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Ele iniciando sua carreira

acadêmica e eu, acolhida por ela, já ao final do meu contrato como professora visitante sênior. Gratidão de ambos. Disfrutem, por favor, dessa relíquia de texto que sempre guardei com carinho, da auto apresentação desse grande mestre e que se constitui também em um capítulo da História do Pensamento Geográfico Brasileiro:

“Se viver é perigoso como enfatiza Guimarães Rosa, ele parece ampliado quando esse tempo é espalhado por diversos espaços num País de território amplo como o nosso.

Minha primeira etapa foi vivida em Teresina, até os 18 anos de idade englobando aí uma infância feliz, uma adolescência sofrida, uma razoável escolaridade primária e secundária até os 18 anos de idade quando – como está marcado no destino dos brasileiros nordestinos – migrei para o Rio de Janeiro para, longe da família, enfrentar a vida.

Estava certo de que esta etapa inicial foi fundamentalmente importante nesta longa “travessia” desde que “régua e compasso” para a conclusão do desenho da vida foram trazidos de lá.

Meio perdido na antiga capital da República Brasileira, socorrido por uma equipe de orientação vocacional, as diferentes tendências psicológicas pendendo para o “artístico” não mais fáceis, indicaram-me o curso de Geografia e História ministrado na Faculdade Nacional de Filosofia na então Universidade do Brasil.

Saltando de pequenos empregos, com auxílio de uma prima consegui um encosto de “extranumerário” no então Ministério da Educação e Saúde que, perdendo algumas aulas no início das tardes pude apoiar-me naquele primeiro ano de 1947.

Embora direcionado para a História (da Arte) despertei para a Geografia, sobretudo por influência do professor francês Francis Ruellan que, como consultor do CNG - Conselho Nacional de Geografia (IBGE) e comprometido nos estudos para a localização da nova capital da República levava alguns alunos (do primeiro ao quarto ano) para um trabalho de campo de reconhecimento geográfico preliminar no Planalto Central. Aproveitando as férias em julho de 1947 vi-me comprometido num exaustivo trabalho de campo que além do previsto mês de julho extrapolou por todo o mês de agosto. Perdi, por “abandono de cargo” o meu precário emprego no MEC.

*Para mitigar a perda de um emprego, a colega Dora do Amarante Romariz advogou ao então Secretário do Conselho Nacional de Geografia, em processo de ampliação, que eu fosse admitido como “auxiliar de geógrafo” o que foi conseguido. Assim, vi-me eu com o enriquecimento da pesquisa no CNG, com a teoria da Faculdade Nacional de Filosofia, com “horário especial” compensativo. Ao lado disso tive a oportunidade de trabalhar e conviver com geógrafos que além da “madrinha Romariz”, num primoroso conjunto de geógrafos onde eu ressaltaria Lysia Maria Cavalcanti Bernardes, José Veríssimo da Costa Pereira. A primeira foi minha “chefe” no Setor de Climatologia e o segundo pela sua importância na orientação de minhas leituras e por estimular a elaboração do meu primeiro artigo “**Notas para o estudo do clima da região Centro-Oeste**”, publicado na Revista Brasileira de Geografia, escrito quando ainda aluno do segundo e terceiro anos do Curso de Graduação.*

Ao finalizar o curso de Geografia, como tarefa do CNG tive o privilégio de acompanhar o esse professor em sua excursão ao Estado do Espírito Santo, na companhia de Walter Alberto Egler, para que o notável geógrafo alemão Leo Waibel (radicado no Estados Unidos) pudesse comparar aquela paisagem capixaba com aquela da Região Sul do Brasil. Apesar de curta foi de uma grande importância para mim (1949).

No ano seguinte (1950) concluindo assim o bacharelado e a licenciatura em Geografia e História preparei-me, graças ao empenho do Professor Ruellan, para desfrutar de uma bolsa de estudos do Governo Francês, passando dois anos na França. No primeiro ano (1951-52) concentrei minha atenção no Institut de Géographie quando, naquela época, atuava o ápice da Geografia Francesa. Tendo sido prorrogada minha bolsa por mais um ano letivo (1952-53) embora contrariando Ruellan, vinculei-me à Faculté des Sciences (Sorbonne também) tendo prestado exames escrito, oral e prático para a obtenção do “Certificat de Géographie Physique et Géologie Dynamique. Embora, em termos brasileiros, um “certificat” correspondesse apenas a uma série no nosso currículo eu, mais do que uma aspiração a uma pós-graduação, almejava antes a uma complementação de meus conhecimentos já que em nosso curso de Geografia e História, não havia, Petrografia, Geologia, Oceanografia, o que era um progressivo direcionamento para a área de Geografia Física.

De volta ao Brasil encontrei o CNG entrando num período de desaceleração de seu crescimento e resolvi experimentar o ensino universitário.

Encontrei a possibilidade de colaborar como docente de Geografia Física na Faculdade Catarinense de Filosofia um “tour de force” do Desembargador Henrique da Silva Fontes para germinar a criação de uma Universidade Federal no Estado de Santa Catarina.² Sendo este estado sulino um dos raros que possuía um Departamento Estadual de Geografia e Cartografia (DEGC) o CNG-IBGE poderia designar-me para colaborar com aquela instituição. Assim trabalhava no expediente da manhã no DEGC e a tarde e a noite na Faculdade. Na Faculdade, com o apoio total do Desembargador Fontes dirigi o Departamento de Geografia e História em plena formação com problemas variados, desde a chegada de professores e organização material, incluindo separação dos cursos de Geografia e História (1957). No DEGC, com a equipe da instituição, mais a colaboração dos recém-chegados professores de Geografia para a Faculdade, com o apoio do Diretor Carlos Büchele Júnior (DEGC) orientei e também executei a realização do “Atlas Geográfico de Santa Catarina” (1958).³

Além destas tarefas específicas minha temporada em Florianópolis foi de grande atividade de estudo, fosse na Geografia do Brasil fosse na Climatologia do Sul do Brasil – mergulhando na obra dos meteorologistas Adalberto Serra e Leandro Ratisbona. Este tema, aliás, acabou sendo o eleito como meu campo de pesquisa onde eu pressentia uma possibilidade de contribuição.

Embora haja sido um dos espaço-tempo mais positivos de minha vida profissional e pessoal, resolvi deixar Florianópolis para colaborar com o Estado de São Paulo na cidade de Rio Claro onde se instalava um dos Institutos Isolados de Ensino Superior (embrião da atual UNESP). Ficaria eu mais próximo da USP onde me inscrevera no doutorado sob a orientação do Professor João Dias da Silveira.

O período de cinco anos de atuação realizado em Florianópolis repetiu-se em Rio Claro (1960-1964). Embora tendo que recomeçar a organização da Geografia Física foi feita ênfase na Climatologia enfatizando em seu caráter “geográfico”. Além de artigos em revistas (notadamente na Revista Geografia do Instituto Brasileiro de Geografia e História), houve a produção (enfaticamente

² O grifo é nosso, feito para ressaltar a importância de sua colaboração nos limiares da fundação da UFSC.

³ Idem: reforçamos aqui a importância da colaboração do Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro na instituição do ensino superior de Geografia na UFSC.

didático) do capítulo *Clima da Região Sul*, publicado no volume *Região Sul da Geografia Regional do Brasil*, editado pelo IBGE.

Mas a produção mais relevante foi aquela – produção realizada com uma equipe de doze alunos – de um *Estudo Geográfico das Chuvas no Estado de São Paulo*, assentado no comportamento da Frente Polar Atlântica, com elevado número de mapas de isoietas e esquemas da dinâmica da aceleração regional (o que o levou a ser rotulado ATLAS). Este trabalho, além da colaboração e formação dos alunos representou todo um esforço de trabalho empírico que serviu de base teórica a uma concepção “geográfica” do conceito e paradigmas do Clima. Exatamente no momento de sua conclusão a Meteorologia celebrava grandiosos progressos, graças aos satélites meteorológicos inclusive aqueles importantíssimos das “nefanalises”⁴, ou seja, os sistemas de nuvens.

Acrescente-se a isto o fato de que o nosso “atlas” só viria a ser publicado DEZ ANOS após sua conclusão. Malgrado esse problema, um grupo de colegas de Presidente Prudente e Rio Claro deu feições mais moderna e prática, elaborando um CD que ainda circula pelo menos no Estado de São Paulo.

Em 1965 retornei ao Rio de Janeiro, ao meu posto – agora de “geógrafo” do Conselho Nacional de Geografia que, para minha atuação em Rio Claro concedera-me licença sem vencimentos, mas sem prejuízo de meu tempo de serviço. Foi muito difícil adaptar-me à postura tecnocrata enfatizada pelo IBGE. Solicitei dois anos de licença para colaborar com a Universidade Nacional de Brasília, o que não me foi concedido, o que prejudicaria a composição do meu tempo de serviço público.

O convite para colaborar com a UnB a princípio foi recusado, porquanto, aquela Universidade, criação de Darcy Ribeiro, passara por uma forte crise criada pelo regime militar implantado e eu não aceitaria “substituir” nenhum colega docente. Foi-me esclarecido que se tratava de uma nova escola – um curso de Geociências: Geologia, já com docentes originados de Porto Alegre - RS, sendo planejada a instalação do curso de Geografia. Passei em Brasília o segundo semestre do ano letivo de 1966 e aquele de 1967. Ocupava-me das aulas de Geomorfologia e, com o tempo que me sobrava ocupei-me da montagem da minha tese de doutorado defendida no dia 23 de abril de 1967. Após o que

⁴ Nota da autora: Nefanálise é análise do mapa meteorológico de área mais ou menos ampla, identificando e especificando aspectos quantitativos e qualitativos das nuvens e de outros fenômenos associados, ger. com o objetivo de previsão do tempo, conforme nos ensina a Meteorologia.

recebi o convite do Professor Dr. Aziz Ab'Saber para ingressar na USP como assistente doutor na Cadeira de Geografia naquele Departamento da FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Minha atuação na USP foi a mais longa de todas e, conseqüentemente aquela mais produtiva. Graças a organização vigente naquela época havia um Departamento da USP ao qual se juntava um Instituto de Geografia para, com uma série de Laboratórios, executar programas de “pesquisas”. Herdei, assim, um lugar de docente na cadeira de Geografia Física e um Laboratório de Climatologia no Instituto – IGEO - FFLCH-USP. O referido Instituto possuía ainda uma sala especial de apoio aos professores do ensino médio, composto de biblioteca, material didático (slides, por exemplo). Enfim, material disponível no Século XX e hoje, em grande parte ultrapassado.

O Laboratório de Climatologia era destinado a todos os docentes que se ocupavam das disciplinas de Climatologia (Introdução, Física, Regional, Urbana etc.). Em verdade somente uns poucos colegas se aproximavam, deixando-me como uma espécie de “titular” o que era, de fato, “malgré moi”. Mais utilizado pelos alunos de pós-graduação era o espaço onde realizávamos os seminários que eram abertos a interessados de outros departamentos ou instituições: Agronomia, Saúde Pública, Educação Física etc., além daquelas especialidades interessadas na poluição atmosférica. Nele fazíamos também seminários optativos, ministrados por mim segundo minhas leituras e interesses epistemológicos e filosóficos.

Um dos grandes interesses do Professor AB'SABER era na produção de textos de divulgação das pesquisas e a Série CLIMATOLOGIA chegou a publicar alguns resultados do Professor e pós-graduandos tanto nas séries de pequeno formato quanto naquela de “Teses e Monografias”.

Tive razoável número de orientandos em Climatologia, mas, relativamente poucos, chegaram a concluir seus projetos e defendê-los. Um total de 20 (vinte) deles foram concluídos (quatorze mestrados e sete doutorados).

Durante meus vinte anos de atividade na USP tive o ensejo de filiar-me a UGI - International Geographical Union cujos congressos passei a frequentar em Moscou (1976); Toquio (1980); Paris (1984); Sydney (1988) incluindo, também, as reuniões anuais da Comissão “Environmental Problems, presidida pelo soviético acadêmico Professor I. Guerassimov que foram realizadas em: Praga

(1977); Lagos (1978); Moscou (1979); Tóquio (1980); México (1981); São Paulo (1982); Majorca (1983); Nalshic-URSS (1985); Sydney (1988).

Para comparecer a estes encontros internacionais, consideravelmente importantes para docentes universitários, apenas quatro deles me foram financiados por instituições internacionais: Nações Unidas, México e Espanha. Todos os outros, autorizados pela USP, foram custeados por mim próprio (naqueles tempos, inclusive, tendo aberto pessoalmente crediário na VARIG, nossa maior empresa aérea).

Com os perigos da “travessia” foram aparecendo as mudanças. Acumulando-se pouco a pouco elas se ampliaram nos anos 60 quando se manifestaram as “revoluções” ditas “teoréticas” e “quantitativas” consideravelmente impulsionadas pela Fundação IBGE e Departamento de Geografia de Rio Claro.

Os progressos nas comunicações foram ampliando-se cada vez mais, uma necessidade imperiosa a um “mundo” em processo de “globalização”. Mas a superposição e acúmulo dessas mudanças ocorreram entre 1968 e 1973 do nosso ato institucional nº 2 (e do ingresso na USP), as rebeliões dos jovens nas primaveras de Paris e Praga, a emancipação das mulheres com a pílula e queima de “porta seios”, Woodstock e, sobretudo, a chegada do homem (USA) à lua e a crise do petróleo dos árabes.

Acrescente-se – o que se configurava da maior importância – o gigantesco progresso (verdadeira revolução) nas comunicações, normal para as crianças e adolescentes, incômodo (?) para os maduros e muito difícil para os velhos. Para aqueles como eu, ultrapassante dos oitenta anos há um mundo completamente novo, lançando um desafio, uma grande dificuldade e, para uns, verdadeira impossibilidade.

No ano letivo de 1985 fui convidado para proferir a aula inaugural no anfiteatro da Geografia. Naquele momento eu já me vinha sendo tomado por uma tristeza (séria “depressão”). O título que lhe dei foi “Geografia e Sentimento do Mundo”. Nesse tema indisfarçadamente drumoniano não consegui minorar a melancolia, a decepção com o rumo dos acontecimentos universitários, especialmente os rumos propostos para a Geografia. No Diário Oficial de 23.03.1987 saía publicada minha aposentadoria como Professor Titular da Universidade de São Paulo.

Tinha eu 60 anos de idade. Como “professor” foi a minha única vocação meu sofrimento projetar-se-ia por cerca de dez anos (a compulsória de 70 anos) a qual tenho compartilhado com outras universidades.

Hoje em dia quando o visito, o meu ex departamento de Geografia da USP a grande maioria – senão a totalidade – ingressou ali quando eu já estava aposentado.

Ao deixar a USP auxiliei os colegas da UFMG e UFSC em algumas disciplinas de Pós-Graduação. Numerosos convites para proferir palestras nas Semanas de Geografia. Já estou aceitando com certa relutância, mas resguardo a minha liberdade de escolha de meus temas que resvalam do âmbito geográfico que vigorou no meu tempo, para suas relações com as artes: literatura, cinema, pintura, etc., etc... e com mais ousadia com a ciência.

Meu contato com universidades do exterior restringiu-se a visitas aos departamentos de Geografia de alguns países, notadamente nos Estados Unidos. Estudos mesmo só realizei com a Université de Paris (Sorbonne).

Um contato, por estranho que se pareça, foi estabelecido com o Japão. Além da participação em congressos naquele país efetivei dois contatos relevantes. O primeiro entre setembro de 1982 a abril de 1983, realizando um estudo sobre “desertificação” no Nordeste Brasileiro, com trabalho de campo antes de realizar o trabalho de gabinete junto a Universidade de TSUKUBA, Ibaraki. Este trabalho escrito em inglês e publicado naquela instituição em 1988. A segunda colaboração foi no corpo docente do Curso de ESTUDOS BRASILEIROS, durante dois anos (1995-1997), ocasião em que aproveitei para conhecer vários países da Ásia”.

Essa singela autobiografia aqui reproduzida nos dá uma ideia do percurso acadêmico do nosso homenageado e sua preocupação permanente com as coisas do sensível, das artes, do humano. Carlos Augusto sempre foi um humanista inveterado... as adversidades da vida o empurraram para a Geografia... que posso afirmar, ele sempre a quis unitária, malgrado este seu percurso.

Tentando ser fiel ao sentido deste texto que exhibe nossa longa amizade e respeito acadêmico mútuo, testemunhamos também como era o nosso personagem aqui homenageado.

Logo de início esta autora precisa brindá-lo com duas de suas citações preferidas, exibidas em alguns de seus textos de dois autores de diferentes origens e vocação – um, Albert Camus, escritor argelino renomado mundialmente, que Carlos Augusto teve o privilégio de conhecer e apresentá-lo à Villa Lobos, nosso compositor e maestro maior, em um concerto em Paris, no início dos anos 1970, encontro memorável e inesquecível para ele. O outro autor, Hélio Pellegrino, psiquiatra e escritor mineiro de Belo Horizonte, duramente perseguido pela ditadura militar brasileira implantada em 1964; coincidentemente, esse autor é primo irmão em segundo grau dessa autora, aliás, com imenso orgulho. Alegria de Carlos Augusto ao saber desse nosso parentesco....

O meu papel não é transformar o mundo nem o homem. Não tenho bastante virtudes nem luzes para tanto. Mas talvez seja servir, no meu lugar, aos poucos valores sem os quais esse mundo, mesmo transformado, não valerá a pena ser vivido, e sem os quais um homem, mesmo novo, não mereça ser respeitado. (Albert CAMUS).

O sonho é a centelha que salta do desejo e é através dela que vou acender as fogueiras através das quais o rosto do mundo se ilumina. O sonho, levado aos ombros da realidade, que o simboliza, é o projeto profundo do homem e a teleologia da história. O sonho, vivido, enraizado no real, que o suporta, vai ser a matriz da utopia, o eixo das grandes transformações que fazem a grandeza do processo civilizatório. (Hélio Pellegrino).

Através desses dois escritores/pensadores ele revelava sua concepção filosófica generosa⁵, amor pela vida e seu destemor em sonhar com um mundo onde o ser humano e a história se misturassem na construção de sonhos, de utopias numa louvação existencial em busca sempre da grandeza dos processos civilizatórios originados e resultantes dessa busca permanente de liberdade, rigor, beleza, paz e justiça.

A construção e revelação disso foi exibida pela sua escolha no modo de viver, sua dedicação na busca de um rigoroso processo de erudição não apenas geográfica, mas, sobretudo, no domínio das artes: da literatura, da música, do cinema, da pintura. Sua obra é reveladora e

⁵ Nosso homenageado sempre foi apontado por uma “esquerda” desatenta e preconceituosa, farta entre certos grupos de geógrafos, como alguém politicamente reacionário, “de direita”, embora fosse um humanista inveterado. Aliás, sua própria existência corajosa em seus atos confirma seu rigor para consigo mesmo e para com seu trabalho acadêmico, científico e profissional. Mas, sobretudo, a lealdade para com seus amigos, sem discriminá-los, fossem quais fossem suas crenças e opções teóricas ou políticas. Na verdade, nosso homenageado, embora nunca tenha afirmado, não suportava a ignorância.

argumento irrefutável dessa sua característica da qual, esta autora sempre se beneficiou com seu convívio quase cotidiano nos últimos vinte e cinco anos antes de sua partida.

Embora tenhamos construído nossas carreiras em trilhas distintas na Geografia acadêmica, institucional – ele na chamada “Geografia Física” e eu na “Geografia Humana”, descobrimos em mais de duas décadas de colóquios deliciosos, semanais, que estávamos, ambos, buscando pela unidade da nossa ciência, cada um a seu modo. E, nesse sentido, os geógrafos Carlos Augusto, tanto quanto Aziz Ab’Saber foram pioneiros, entre os geógrafos ditos “físicos”.

Trago aqui citada, a seguir, uma de suas reflexões lapidares que vai aprofundar logo após seu retorno da estadia no Japão, a respeito da unidade da Geografia

Como no caso do “físico” aqui no caso do “humano” eu coloco o adjetivo entre aspas pois, malgrado todos os sinais que induzem a fatal dicotomia reinante na Geografia, eu teimo em perseguir seu caráter unitário. Mesmo quando tudo parece conduzir à conclusão de que o conceito de Geografia e a percepção da complexa realidade do mundo afastaria a unidade abrangente numa tal pluralidade dos aconteceres. Isto significaria, para mim, enfrentar um mundo completamente falso e despido de valor. Florianópolis, 1999).

Isso foi ficando cada vez mais evidente à medida que o tempo passava, pelas conversas insistentes onde nossos encontros e discussões acadêmicas e científicas foram convergindo, especialmente nos últimos vinte anos de sua vida, à propósito de sua indignação com os rumos que acabou tomando a discussão sobre o clima e o poderoso discurso político e ideológico sobre a denominada “questão climática” e o chamado “aquecimento global”⁶, altamente ampliado hoje e, com o apoio incontestável da grande e pequena mídia. Genial e precursor Carlos Augusto! Quanta aprendizagem, quantas trocas de ideias, quanta saudade...

Em nossas conversas jamais negamos as transformações e a destruição da natureza: terra, ar e água. Algumas fazendo parte das dinâmicas do próprio

⁶ Em nossos encontros semanais e as vezes diários ele sempre comentava: enquanto não soubermos nada sobre as manchas solares, tudo o que se disser sobre a questão climática pode ser refutado. Eis que quando faço a revisão final deste texto (02/09/2023) vejo no noticiário da televisão (<https://g1.globo.com/ciencia/noticia/2023/09/02/india-missao-solar.ghtml>) a informação de que a “Índia lança satélite para estudar o Sol. Cientistas pretendem usar sonda para aprender mais sobre os impactos do Sol nos padrões climáticos da Terra e descobrir quais são os efeitos da radiação solar em satélites”. Carlos Augusto teria ficado muito feliz em ouvir sobre isso, décadas atrás.

planeta e, outras objetivamente causadas pelas dinâmicas sociais, como é o caso dos estudos sobre a alteração do clima (microclima) nas metrópoles! Isso é facilmente demonstrável, como o fez nosso homenageado pioneiramente, em suas pesquisas e em sua obra!

A causa científica sendo ainda desconhecida sobre o conhecimento do clima na Terra, as propostas sobre o seu conhecimento e enfrentamento são naturalizadas; o objetivo central desse “desastre” não deve ter como foco “o ambiente”, mas, a voracidade das grandes empresas, como também daquelas pessoas oportunistas e inescrupulosas diante do assujeitamento que fazem dos indivíduos menos esclarecidos. O que não é trazido à baila nessas discussões, atualmente, são temas antigos da geologia, da geomorfologia: desertificação, descongelamento, rebaixamento e dobramento das placas tectônicas... Terra que grita, a partir da minúscula significância de seu tamanho no sistema solar, em função das agressões que a sociedade lhe impõe há milênios!

A História da evolução física do planeta Terra continua...

O clima e suas mutações têm como origem não apenas o esclarecimento sobre as dinâmicas da natureza, mas sobre a perversidade das relações fundantes do modo de produção hegemônico ainda vigente.

No entanto, esse discurso “ambiental” e “climático” constituído politicamente naquele primeiro encontro sobre esse tema realizado em Estocolmo (Suécia) no início dos anos 1970, com a liderança da delegação norte americana conseguiu uma sobrevivência de mais de meio século e, com isso, tem atrasado a constituição de um texto científico rigoroso sobre essa questão, uma vez que a universidade também foi por ele cooptada: sustentabilidade, meio-ambiente este, crime contra a Geografia, dada a importância do conceito de “meio natural” - cuja compreensão e superação - foi o fundador da nossa disciplina.

O equivocado e incompreensível para um geógrafo “meio ambiente” foi um, entre tantos outros falsos conceitos que invadiram a graduação e a pós-graduação, especialmente nos cursos de Geografia que “modernizando-se” passaram equivocadamente a se chamar de “Geociências⁷” mantendo-nos,

⁷ Importante destacar que as Geociências dizem respeito ao estudo do planeta Terra em seus aspectos relacionadas a natureza: rochas, atmosfera, clima, placas tectônicas, oceanos, solos, etc. Delas fazem parte a geologia, geomorfologia, climatologia, pedologia, oceanografia. A Geografia, uma disciplina das Ciências Humanas devem ser requerida nesse imenso e complexo processo de conhecimento, na perspectiva contemporânea da importância do diálogo multidisciplinar. O equívoco epistemológico, acadêmico e institucional está na formação e

novamente, no final do século XIX, quando tais questões foram sugeridas e superadas por Vidal de La Blache ao propor que a Geografia é uma Ciência Humana.

Sempre falávamos e discutíamos sobre isso!

Bom sempre lembrar que Carlos Augusto foi pioneiro sobre as propostas de George Bertrand⁸, geógrafo francês que criou e introduziu suas ideias de “geosistema” que persistem até hoje inclusive nos estudos geográficos brasileiros!

O Geosistema, conceito naturalista, permite analisar a estrutura e o funcionamento biofísico de um espaço geográfico tal como ele funciona atualmente, ou seja, com seu grau de antropização (é constituído do potencial ecológico, exploração biológica e a ação antrópica). (Bertrand, 2002 p: 281).

Conceito de “geosistema” e de “sistema” que, como tantos outros de natureza teórico-filosófica, mesmo sendo provocados tanto por nosso homenageado neste texto como por Milton Santos, jamais foram prioridade nos debates teórico/epistemológicos nas reuniões promovidas por nossas associações científicas, cujas programações acompanhávamos sempre bem de perto.

Tive o privilégio de conversar e debater intensamente com Carlos Augusto sobre essa questão.

Entretanto, apesar disso tudo e dessas divergências, nossas inspirações convergiam para a compreensão da vida poeticamente trazida por estes dois autores citados acima – Camus e Pellegrino - e que nosso mestre utilizou em vários de seus textos e livros, inclusive daqueles que tive o privilégio de organizar: **Geografia Sempre** (do qual fui editora e produtora pelas Edições TERRITORIAL, em 2008) e **A Geografia neste Agora e num certo Outrora**,

certificação do geógrafo nos Departamentos e Institutos de Geociências e não nos Departamentos de Geografia das Faculdades de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Além disso, a questão epistemológica torna-se mais grave com o esfacelamento também das Geociências nas universidades, onde algumas de suas disciplinas espalham-se – pasmem – pelos Institutos e Centros que ensinam sobre as “Humanidades”! Urge esse debate epistemológico e metodológico! Desse equívoco decorre a fragmentação exacerbada, a inconsistência teórico metodológica e a dissolução da nossa disciplina, a Geografia. Basta observar as grades curriculares existentes que escancaram a falta de consistência epistemológica, teórica e de método no ensino da nossa disciplina. Além, obviamente, do tabu sobre essa discussão que ainda persiste entre boa parte dos geógrafos brasileiros que desistiram de liderar os processos institucionais e administrativos da nossa formação.

⁸ Georges Bertrand; Claude Bertrand, Une Géographie Traversière: L'environnement à travers territoires et temporalités, Editions ARGUMENTS. Paris, 2002.

editado pela série Livros Geográficos pelo IIR/GCN/CFH/UFSC em 2020. O primeiro lançado no Departamento de Geografia da USP e o segundo, a pandemia do Corona vírus e a partida inesperada de nosso homenageado neste Dossiê, não permitiram o seu lançamento na UFSC, em Florianópolis.

Conheci Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro pessoalmente, nos idos dos anos de 1970 como uma jovem instrutora voluntária da disciplina de Planejamento que acabara de ser incluída na grade curricular do curso de Geografia da USP. Aproveitei dessas circunstâncias para assistir suas aulas de Fisiologia da Paisagem, onde ele estudava Campos do Jordão, essa importante estação climática situada na Serra da Mantiqueira, sede de um município localizado dentro de um parque estadual que leva esse mesmo nome, no leste paulista.

O Professor Carlos Augusto então concedeu-me, pela primeira vez em minha vida, o privilégio de um convite acadêmico para compartilhar com ele a disciplina, não como sua aluna, mas como sua colega. Tarefa desafiadora essa de trabalhar com grandes mestres. Desafio que foi sendo superado na preparação de cada aula em que era solicitada a minha colaboração... um aprendizado que dura até hoje.

Não há como deixar de aprender sempre com esse piauiense de Teresina, brasileiro dos mais ilustres, professor e mestre que dignificou a nossa disciplina pelo seu rigor e pelas contribuições notáveis que deu para o desenvolvimento da Geografia e pela notoriedade que seu trabalho e suas pesquisas geográfica e climatológica agregaram ao amadurecimento intelectual e acadêmico de todos nós, os geógrafos brasileiros.

O Professor Carlos Augusto é daqueles personagens sobre os quais já nos alertava um de seus inspiradores em suas pesquisas e reflexões mais recentes, Guimarães Rosa, por meio da memorável figura de Riobaldo Ramos em Grande Sertão Veredas, que ele tanto citava: “mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”. Assim ele se colocava – imaginem – diante de tantos debates, aulas, conferências.

Particpei e acompanhei, muitas vezes até, de suas andanças pelo Brasil e das homenagens que lhe foram prestadas. Aprendi sempre ao ouvi-lo, com seu maravilhoso senso de humor, com sua ironia refinada e que dá brilho a sua fala, aos seus escritos....

Para a redação deste texto fui inspirar-me na releitura de seu DOSSIER, um documento preparado por Carlos Augusto para a comemoração da juventude dos seus 80 anos. Tive o privilégio de receber dele um exemplar.

Emociona-me sempre ao folheá-lo e examiná-lo, pela densidade acadêmica, beleza e singeleza desse documento.

Ministrou disciplinas com imensa coragem de inovação, criou temas de pesquisa, orientou mestrados e doutorados, tendo discípulos por todo o Brasil. Escreveu livros, criou teorias sobre a dinâmica climática, foi um pesquisador atento e cuidadoso sobre a realidade brasileira através dos temas que pesquisou e alunos que orientou.

Querendo ou não, Carlos Augusto fundou no Brasil uma Escola de Climatologia, apesar de sempre dizer que não era essa a sua vontade, trabalhar com climatologia.

Foi membro ativo da AGB, tendo produzido relatórios memoráveis e que dignificam até hoje nossa Associação Nacional. Foi membro ativo da União Geográfica Internacional, tendo participado de seus congressos.

Foi professor convidado de diversas universidades no mundo e trabalhou com grandes geógrafos em tempos difíceis, em lugares do mundo então proibidos à época. Falo de seus preciosos trabalhos com seu mestre Gerasimov que o convidou para visitar a Rússia.; de sua ida ao Japão como Professor visitante em Tsukuba juntamente com Milton Santos...

Depois de aposentado é que a vida ficou ainda mais intensa. Postura própria de quem tem muito a ensinar e a aprender como dizia Guimarães. Saibam os senhores que em 2006, para pegar um dado de seu DOSSIER, esse ilustre professor compareceu a 14 eventos geográficos espalhados por todo Brasil, ou seja fez mais de uma viagem por mês... para nos ensinar sempre algo novo sobre nossa disciplina, sobre literatura, sobre a ética, a honradez e o rigor, atributos essenciais do professor.

Eis uma lição que nos deixou, diante da sua eterna e sofrida preocupação com o futuro da nossa disciplina:

Prefiro aqui tomar a Geografia minimizando seu contexto disciplinar (conflitos intradisciplinares) para, alargando o horizonte de relações (interdisciplinares), projetá-la no corpo geral da Ciência, inserindo-a na trama geral da Cultura. A estrutura de composição do ensaio é livre das convenções e normas vigentes para o que se admite como "científico". Isto para sintonizar, de forma coerente, forma e conteúdo. Que o

leitor não procure encontrar nele um enunciado preciso. Alguma possível fruição advirá apenas se houver paciência para que se acompanhe a marcha de um mostrar (Monteiro, 1988, p: 128).

Mas, ainda nos legaria temas importantes que demonstram a coerência existencial e acadêmica desse grande mestre: chegam os Tempo de Balaio, do Cristal e a Chama, de refletir sobre a vida como um geógrafo-filósofo – escritor que é... E continuamos acompanhando as reflexões e o trabalho de Carlos Augusto.

E... preparemo-nos todos, pois ele foi longe. ... Ele nos aponta NIETZCHE no final de seu dossier e nos coloca em alerta, com citação “extraída do *“Ecce Homo. Como tornar-se o que se é”* (1888) que deve ser tomada como emblemática de minha profissão de fé como professor”.

.....

“Paga-se mal a um mestre, quando se continua sempre a ser apenas o aluno.

E por que não querei arrancar minha coroa de loucos?

Vós me venerais, mas, e se um dia vossa veneração desmoronar?

Guardai-vos de que não vos esmague uma estátua!”

.....

Em homenagem a eternidade da obra de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro e à nossa amizade.

Os geógrafos brasileiros serão sempre seus alunos e seus devedores. Ninguém é igual a ninguém. Todo o ser humano é um estranho ímpar nos ensina nosso poeta maior Carlos Drummond de Andrade, tão apreciado pelo nosso homenageado.

E, por isso término este texto com as eternas “Mãos dadas” desse imenso poeta brasileiro, Carlos Drummond de Andrade, que nosso mestre tanto apreciava e lia:

Mãos Dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco
 Também não cantarei o mundo futuro
 Estou preso à vida e olho meus companheiros
 Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças

Entre eles, considero a enorme realidade
O presente é tão grande, não nos afastemos
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história
Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes
A vida presente

Até sempre, mestre e amigo querido, eternamente de mãos dadas!

REFERÊNCIAS

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Teoria e Clima Urbano**. Série Teses e Monografias, nº 25. Instituto de Geografia. FFLCH/USP. São Paulo, 1976.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Travessia da Crise (Tendências Atuais da Geografia)**. Revista Brasileira de Geografia, ano 50, Número Especial, t. 2, 1-150. Rio de Janeiro, 1988 (pp. 127-150).

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Clima e Excepcionalismo. Conjecturas sobre o Desempenho da Atmosfera como Fenômeno Geográfico**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O “humano” da geografia: de centro à totalidade**. AULA INAUGURAL dos cursos de GEOGRAFIA – Graduação e Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado (em instalação) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 12 de abril de 1999.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **“A QUESTÃO AMBIENTAL NA GEOGRAFIA DO BRASIL: a propósito da validade espacialização e pesquisa universitária”**. Cadernos Geográficos nº 5, maio de 2003. Edição Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Geografia sempre**. Edições Territorial. Campinas, 2008.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Depoimento reflexivo sobre a produção de um geógrafo brasileiro na segunda metade do século XX. Aspectos Geográficos do Baixo São Francisco**. Eduneal. Arapiraca (AL), 2013.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O Cristal e a Chama**. Vol. 1: Brasil 1500. Dourados (MS): Editora da UFGD, 2013.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O Cristal e a Chama**. Vol. 2: Brasil 2000. Curitiba: Editora CRV, 2014.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **A Geografia neste Agora e num Certo Outrora**. Série Livros Geográficos. IIR/GCN/CFH/UFSC. Florianópolis, 2020.

NOTAS DE AUTOR

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Maria Adélia de Souza – Concepção e elaboração do manuscrito, revisão e aprovação da versão final do trabalho.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Não se aplica.

HISTÓRICO

Recebido em: 09-10-2023

Aprovado em: 15-04-2024

